

“PELA MINHA FAMÍLIA, EU VOTO SIM!”: imaginário, estética e cultura política do “cidadão de bem” na crise da Nova República

Leandro Aguiar¹

Com o propósito de complementar as investigações sobre a crise democrática e o recrudescimento da extrema-direita no Brasil, propomos uma abordagem atenta à constituição estética, portanto comunicacional, desse “novo” ator político. Encarando o acontecimento e sua relação com a mídia, como teorizou Querè (2005), como via hermenêutica para acessar a construção de imaginários em torno do passado, presente e futuro, e acompanhando Gumbrecht (2010) no entendimento de que estes acontecimentos constroem-se na oscilação entre “efeitos de presença” e “efeitos de sentido”, arriscamos observações sobre os protestos em favor do impeachment de Dilma Rousseff. A intenção é ensaiar as bases para uma arqueologia, nos termos de Foucault (1979), de certas ideias de “brasilidade”, “tradição” e “família”, o que, acreditamos, ajudará na compreensão de aspectos da cultura política autoritária nacional que análises exclusivamente materialistas deixam escapar.

Embora mundial e sistêmico, o despertar dessa cultura possui cores locais no Brasil. Se a galhofa sórdida como estilo “argumentativo” pode ser vista num Donald Trump, ao passo que o ressentimento classista e de gênero, com acentos francamente paranoicos, deu as bases para a campanha do Brexit e para a formação da Liga do Norte na Itália, aqui, como alhures, estes traços entraram em simbiose com particularidades socioculturais e imagéticas da formação nacional. Desse encontro entre as angústias contemporâneas mobilizadas por ideólogos reacionários com aspectos da “brasilidade” surgiu a ética e a estética do “cidadão de bem”, que se deixou ver, *em performance*, nos protestos pelo impeachment de Dilma Rousseff.

Seguindo a deixa de Latour (1994), para quem os fenômenos sociais são aquilo que outros conectores (economia, tecnologia, ideologia, uma história social *etc.*) amalgamam, deduz-se que a estética é a forma como esse amálgama se apresenta aos sentidos: o “cidadão

¹ Doutorando em Comunicação pelo PPGCOM-UNB, sob a orientação da professora Liliâne Machado. E-mail de contato: aguiarff@hotmail.com



Dissonâncias do contemporâneo:
Espaços e (des)construção de saberes

Período de submissão dos resumos:
30 de Novembro de 2020
até 15 de Janeiro de 2021



de bem”, sua “família tradicional” e o recrudescimento da ultradireita, portanto, não podem ser compreendidos sem se ter em conta a estética de um Brasil imaginado a que dão vazão.

Buscaremos compreender algumas questões relativas aos valores, imaginários e atmosferas postas em jogo pelo “cidadãos de bem” e sua configuração sociofamiliar a partir dos protestos antipetistas. Partiremos da análise de imagens das manifestações em favor do impeachment e de seus antecedentes, quando o “cidadão de bem” foi às ruas e aos ambientes virtuais e midiáticos. A *imageria* antipetista, que contém desde celebrações festivas e exaltações patrióticas à críticas virulentas ao governo e a pessoa de Dilma Rousseff, serão escolhidas não por supostamente traduzirem a opinião da totalidade ou da maioria dos manifestantes, mas antes por representarem exemplarmente certas ideias sobre o *feminino*, a *virilidade*, a *família*, a *pátria*, a *tradição* e outros ideais postos em cena nos protestos, noções que consideramos centrais para compreender não só o processo de impedimento da primeira mulher eleita presidente do Brasil mas também a vitória eleitoral do primeiro presidente abertamente saudosos da ditadura militar desde a promulgação da Constituição de 1988.

Muito resumidamente, os acontecimentos depurados pelas mídias instituem uma *atmosfera*, provocam *estesia*, e os significados que engendram passam, portanto, por uma formulação estética. Compreender as *estratégias sensíveis*, como diria o pensador brasileiro Muniz Sodré, postas em jogo pelo extremismo brasileiro em suas manifestações é, assim, um caminho para se abordar as dificuldades que se impõem ao desenvolvimento de uma cultura verdadeiramente democrática no país.

Estética, comunicação e política, enfim, podem entrar em curto-circuito, nos *afetando* como pesquisadores e cidadãos. Por isso é urgente que a academia compreenda a “tradicional família brasileira” e o “cidadão de bem” a partir de uma chave estética – pois é esta chave que tem sido sistematicamente acionada por políticos e ideólogos em sua cruzada pelo poder de influir em nossas vidas.

Palavras-chave: cultura política; estética do tradicionalismo; imaginários sociais.

Referências

- FOUCAULT, M. *A microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GUMBRETTCH, H. *Produção de presença*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

QUÉRÉ, Louis. *Entre fato e sentido: a dualidade do acontecimento.* In: Trajectos. Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, no 6, 2005.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica.* Tradução de Carlos Irineu da Costa. 1. Ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

SODRÉ, M. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política.* Petrópolis, Rio de Janeiro, 2006.